

* 7 FEV 1997

E agora, imperador?

JORNAL DO BRASIL

Nunca, em toda a recente história republicana, um presidente da República eleito, devidamenteornado da legitimidade democrática, reuniu a soma de poderes de Fernando Henrique Cardoso, I e Único. A começar pela graça, pelo inédito privilégio de candidatar-se à reeleição. E que se ainda não está devidamente sacramentada, ninguém dúvida que são favas contadas, pendentes de mais três votações exigidas pelas sagradas cautelas constitucionais.

Ora, só o direito de dobrar o mandato — claro, enfrentando o teste do voto e sem a maçada de desimcompatibilizar-se seis meses antes da rodada de urna — faz uma grande diferença.

Não é tudo. Apenas o começo das mercês que os deuses da política depositaram, com prodigalidade jamais vista, na cartola mágica das ambições do favorito da fortuna.

Agora mesmo, em meia dúzia de lances interligados, Fernando Henrique deu a partida na aprovação da emenda que acaricia o sonho do ano e meio do atual mandato; elegeu o senador Antônio Carlos Magalhães para a presidência do Senado, e com a mão na massa, emplacou a eleição do deputado Michel Temer para a presidência da Câmara.

Calma, que não ficou aí. Aviadas as receitas do gosto do monarca para o comando das duas casas do Congresso, assegurando dois anos fundamentais de bom relacionamento com os comandos do Legislativo, convém alargar a vista para o balanço da operação.

Pois, além dos lucros que se ostentam nas badalações que encerraram, em clima de festança, a abençoada convocação extraordinária do Congresso, muitos outros ganhos mais modestos, mas nada desprezíveis, engordam a conta presidencial.

Flores e sorrisos na banda do Congresso; a zonzeira, o gosto de comida azeda, a boca seca na oposição. Não sobrou nada intacto do lado adversário. O ensaio amadorístico de rebeldia no PMDB dissolveu-se no ridículo do arrependimento. Um a um, de cabeça baixa, socando o peito com as pancadas da contrição, os desgarrados retornam ao aprisco oficial, em fulminante reconversão.

No PPB o panorama não é muito diferente. A legenda de Paulo Maluf tem um candidato natural à disposição para 98. Mas, só para improváveis e indesejadas emergências.

Resta o caso do PT, do PDT e das siglas que compõem o buquê oposicionista. Respeitáveis na coerência do papel que lhe cabe. O que não disfarça as dificuldades dramáticas que escurecem as perspectivas do futuro imediato. Engatilha a articulação de uma frente parlamentar de oposição que some o possível para a atuação conjunta. Saída clássica, de resultados discutíveis.

Não há como evitar que a onda de êxitos suba à cabeça, soterrando a proverbial modéstia presidencial. Entende-se a euforia sorridente, excitando a vaidade.

Mas, e agora? Até que as primeiras reações, medidas pelo tom dos pronunciamentos afinados, alinham-se pelo óbvio do mais estrito bom senso. No palavrório, Fernando Henrique e seus líderes vêm sustentando exemplar coerência nas intenções de retomar a luta pela aprovação das reformas paralisadas no Congresso. Avançam datas, arriscam palpites do mais róseo otimismo. Nos próximos três meses, promete-se dar continuidade ao mutirão, acionando o rolo da maioria para aprovar as reformas administrativa, da Previdência Social, a tributária, a política.

Boas intenções o vento leva. Fernando Henrique tem pouco tempo, não mais do que um ano, para ir à luta e consolidar a série de vitórias políticas firmando a imagem do governo realizador, com garra administrativa, competência e disposição para enfrentar os desafios que se acumularam no ano e meio em que só se falou em reeleição.

Inevitável a volta ao tema na temporada das três votações prioritárias. Mas, até lá, bem que o presidente podia dar uma folga e mudar de assunto.